

# **SOBRE VERDADE E HOSPITALIDADE –** *Anotações sobre 2 e 3 João*

*Pedro Lima Vasconcellos*

Na oportunidade do lançamento do volume de n.100 de *Estudos Bíblicos*, sem dúvida um marco na história da pesquisa bíblica em nosso país, o convite despretensioso deste ensaio pode parecer meio inadequado: por que dar atenção a escritos a que em geral não se dá atenção, como aqueles conhecidos como Segunda e Terceira cartas de João? Em geral se tem algum cuidado com 1 João, por conta de sua relativa extensão e por seu parentesco evidente com o Quarto Evangelho. Mas os dois escritos seguintes no Novo Testamento costumam ser tranquilamente ignorados, como se fossem irrelevantes.

Queremos aqui apenas, a título mesmo de ensaio, fazer a pergunta sobre o teor do que em 3 João 9 é chamado “algo”, que o presbítero escreveu à igreja, e que não foi acolhido por um tal de Diótrefes, “que gosta de ser o primeiro”. O que aí estará envolvido? Que luzes esse único versículo pode eventualmente lançar sobre um lance da experiência religiosa no interior da tradição joanina? Postulamos duas possibilidades: que este “algo” anteriormente escrito possa ou não consistir na segunda carta de João (ou mesmo a primeira, o que aqui não interfere muito). Que implicações cada uma dessas possibilidades acarreta? Permitir-nos-emos aqui o exercício considerando ambas.

## **Pressupostos**

Embora haja quem pense diversamente, tomamos como dado assentado que as três cartas de João (assim chamaremos os escritos, assumindo funcionalmente a nomenclatura tradicional) surgem após a redação do quarto evangelho, evidentemente não em sua versão que hoje conhecemos (certamente sem o fragmento 7,53–8,11, inserção bem posterior; e muito provavelmente sem o apêndice representado por Jo 21 e algumas outras passagens, de delimitação mais difícil). E mais: tomamos as cartas como representativas da tradição joanina num momento imediatamente posterior à escrita de Jo 1–20 (com as ressalvas feitas acima), quando o teor destes capítulos estava sendo arduamente debatido. As cartas de João representam um lado desse debate agressivo, muito pouco fraterno e/ou amoroso.

Também damos por aceito que o autor das três cartas é a mesma pessoa, que na segunda e na terceira se oculta sob o cognome *presbítero* (não entraremos a discutir aqui o gênero literário da primeira delas, que continuaremos a chamar, convencionalmente, por “carta”).

Finalmente, assumimos que a segunda carta é efetivamente uma carta, e não uma mera “compilação superficial de sentenças joaninas em forma de uma epístola católi-

ca”<sup>1</sup>. Entendemo-la como parte expressiva das controvérsias que, no início do 2º século, haveriam de dilacerar a comunidade joanina, de forma definitiva.

### Escrevi “algo”: a segunda carta de João

Consideremos então a primeira possibilidade, que o *presbítero* tenha enviado, antes da carta a Gaio (a nossa 3João), uma carta anterior, endereçada à igreja, que consistiria em nossa 2 João<sup>2</sup>. E, já que não consegue acesso à igreja diretamente, recorre a Gaio, que outrora já recebera seus emissários (3Jo 3). Que quadro se depreenderia daí?

Diótrefes não recebe o presbítero nem sua carta porque, no linguajar ferino deste, ele seria um dos muitos “sedutores” espalhados pelo mundo, que “não confessam a Jesus Cristo vindo na carne”. Mais ainda: ele seria um “anticristo”! Com tal linguagem para se referir ao adversário dificilmente o presbítero poderia esperar ser recebido por aquele que lidera a comunidade que o presbítero pretende atingir.

Diótrefes veria no presbítero alguém que não terá percebido que a revelação contida no que chamamos quarto evangelho ultrapassa, em muito, a ênfase na carne assumida por Jesus Cristo. Na verdade, esta seria até certo ponto irrelevante, uma mera roupagem para o divino que viria ao mundo humano para revelar aos humanos sua verdadeira identidade<sup>3</sup>.

Mais ainda: tomando emprestadas citações de 1João, poderíamos pensar que a gente liderada por Diótrefes estava convencida de “estar em comunhão com Deus” (1,6), “não ter pecado” (1,7), “conhecer a Deus” e permanecer nele (2,4.6), “estar na luz” (2,9) e “amar a Deus” (4,20), e por isso não necessitava de mestres (2,27)<sup>4</sup>; por que teria necessidade de ouvir um pretense mestre que ensinava coisas distintas e que colocava como condição para a hospitalidade que se assumisse a doutrina por ele ensinada (2Jo 10)? Como poderia o presbítero pretender hospitalidade de diferentes se ele mesmo exigia a uniformidade doutrinal como condição para o exercício da acolhida? Por outro lado, Diótrefes e seu séquito poderiam estar vendo na gente do presbítero pessoas que, em sua ênfase na “carne” de Jesus e em imperativos éticos de perspectiva horizontal (1Jo 3,17; 4,20), obstaculizariam o esforço de amadurecimento espiritual, empreendido pelo grupo. Fazendo uso de termos mais adequados num contexto um tanto posterior, o grupo de Diótrefes estaria centrado em buscar compreender “quem éramos e quem nos tornamos; onde estávamos... para onde nos precipitamos; do que

1. Helmut Koester, *Introdução ao Novo Testamento*, São Paulo, Paulus, vol.2, 2006, p. 214.

2. Hipótese tida como razoável pela *Bíblia de Jerusalém* em sua edição mais recente.

3. Diferentemente do que parece sugerir Josep-Oriol Tuñi num determinado momento, o grupo atacado pelo presbítero, e que na hipótese que agora trabalhamos teria Diótrefes como líder, não era meramente “teísta” (“As cartas de São João” em Josep-Oriol Tuñi e Xavier Alegre, *Escritos joaninos e cartas católicas*, São Paulo, Ave Maria, 1999, p. 160); pelo contrário, julgava que “a salvação veio mediante um enviado da parte de Deus. Mas este enviado não devia entrar plenamente na esfera do humano: foi suficiente aparecer para dar a conhecer o caminho da salvação” (p. 162).

4. Entendemos que essas expressões, que em 1Jo aparecem sempre precedidas de um “se” indicariam, mesmo que de forma caricaturizada, traços significativos da espiritualidade do grupo alvejado pela carta.

estamos sendo libertos; o que é o nascimento, e o que é o renascimento”<sup>5</sup>. A pretensão que Diótrefes teria de ser o primeiro (sempre recorrendo à linguagem caricaturizante do presbítero), não seria indicativo de outra coisa senão do empenho em descobrir a própria identidade, ocultada por esse mundo de matéria e desassossego.

Frente a esse cenário, a que o presbítero pode recorrer? Em nossa linguagem, à tradição; na linguagem dele, “ao que era desde o princípio”, ao testemunho do discípulo amado a respeito do que foi visto, contemplado e apalpado do *logos* da vida (1Jo 1,1), numa curiosa inversão do último argumento desenvolvido no evangelho, segundo o qual o relevante não está no que se vê, mas no crer! Podemos bem imaginar a reação do grupo de Diótrefes, de quase desprezo a uma facção que, aos olhos dele, não faz outra coisa senão desvirtuar o cerne da mensagem joanina, motivada por pretensões de poder; afinal de contas, o grupo do presbítero se coloca, em 1Jo 1,3, como mediação necessária para a comunhão com o Pai e o Filho!

Nessa perspectiva, Diótrefes e o presbítero seriam dois líderes situados no interior da tradição joanina assumida em comunidades distintas, que a interpretam diferentemente e conflitam por conta disso. O presbítero pretende contestar a interpretação desta tradição que está sendo feita por Diótrefes e sua igreja, numa direção que apontaria para os sistemas gnósticos do século II, alguns dos quais fazendo largo uso do quarto evangelho (mas não das cartas, claro!). Mas para tanto ele precisará apelar a um elemento alheio a essa mesma tradição; a autoridade do mestre. Como poderá ele pretender ser ouvido se, como reconhecido na própria tradição, que ele partilha com seus adversários, que mestres não são necessários?

### **Um outro cenário possível**

Mas invertamos agora a perspectiva, considerando que o “algo” que o presbítero diz ter escrito à igreja não consista em 2Jo. Formular hipóteses, se antes já não era fácil, agora se dificulta ainda mais, pois não sabemos o teor deste “algo” que produziu a reação de Diótrefes contra a qual se levanta 3Jo. Mesmo assim, arrisquemos.

Já foi notado, principalmente na análise de 1João, que as posições atacadas pelo presbítero como marcas inadequadas do grupo que ele pretende atingir poderiam muito bem ser defendidas com passagens da própria 1João. Por exemplo, “não deve surpreender o leitor que a 1ª carta de João atribua aos separatistas a afirmação de que ‘não têm pecado’ (1,8.10) e depois afirme que ‘todo o que é nascido de Deus não comete mais pecado’ (3,9)”<sup>6</sup>. Também a afirmação da não necessidade dos mestres seria bem acolhida pelos adversários do presbítero, convencidos do desafio do autoconhecimento, tarefa em cuja realização o mestre é simplesmente prescindível. É bastante razoável pensar, portanto, que à gente de fora (Diótrefes!) as nuances que diferenciariam o

5. Teódoto, mestre gnóstico de meados do 2º século, citado por Elaine Pagels, *Os evangelhos gnósticos*, São Paulo, Cultrix, s/d, p. 17.

6. Josep-Oriol Tuñí, “As cartas de São João”, p. 160.

presbítero e seu grupo daqueles que ele qualifica como “sedutores” (2Jo 7) não seriam facilmente percebidas!

Diótrefes seria, nessa segunda possibilidade, alguém alheio à tradição joanina e às discórdias que no seu interior se desenvolviam. Mas o que mais poderia ser ele? Talvez a expressão “que gosta de ser o primeiro” (3Jo 9), com que o presbítero o caricaturiza possa indicar um papel de destaque, uma função que Diótrefes exercesse no interior de uma incipiente hierarquia existente em sua igreja, algo, como já dito, estranho à tradição joanina, mas a que o presbítero recorre no esforço por ser ouvido e ter sua mensagem acolhida<sup>7</sup>.

E o que no presbítero incomodaria a Diótrefes, a ponto de este criticar aquele e recusar-se a receber os seus emissários? Talvez Diótrefes seja um dos primeiros de uma longa corrente, que atravessará o 2º e entrará pelo 3º século, a olhar para a tradição joanina com suspeita, devido a sua peculiar experiência, sua doutrina diferenciada<sup>8</sup> e, não por último, por sua aversão às formas mais estruturadas de organização comunitária que vão começando a tomar forma já no fim do 1º século. A rejeição de Diótrefes, portanto, não seria dirigida ao grupo do presbítero em particular, mas à tradição joanina que este encarna.

É sabido que a figura de Pedro desde muito cedo encarnará as formas e símbolos de liderança e comando no interior das comunidades cristãs<sup>9</sup>. No entanto é curioso notar como nada, ou quase nada desse lugar privilegiado se encontra em Jo 1–20, certamente resultado da visão igualitária com que a comunidade é concebida (aliás, não é difícil notar como em Jo 1–20 Pedro, apesar de destacado como líder dos Doze, tem lugar secundário frente ao “discípulo amado”, o herói mítico da comunidade). Diótrefes, com seu “gostar do primeiro lugar”, não identificaria seu lugar numa igreja que se entende feita de ovelhas à escuta da voz de seu Pastor, o ressuscitado (cf. Jo 10), ou de ramos que se entendem atados diretamente à videira (cf. Jo 15,1-17).

Mas é preciso também pensar no interesse que o presbítero tem, com seu grupo, em se aproximar de Diótrefes e sua igreja. Ele terá percebido que sem o recurso à autoridade a comunidade joanina, já fendida, tenderá à dissolução. Mas justamente a tradição joanina não oferece legitimidade a tal tipo de pretensão: o discípulo amado não deixou sucessores. Talvez aí esteja a razão de o presbítero buscar aproximar-se de Diótrefes e sua igreja, que em sua organização interna (Diótrefes no primeiro lugar!) poderia muito bem ser simbolizada pela igreja que tem em Pedro seu fundamento (cf. Mt 16,18). Ao menos essa ala da igreja joanina, liderada pelo presbítero, buscaria aproxi-

7. Esta hipótese é esposada, entre outros, por Senén Vidal (*Los escritos originales de la comunidad del discípulo amigo de Jesús – El evangelio y las cartas de Juan*, Salamanca, Sígueme, 1997).

8. Talvez Diótrefes pudesse estranhar que ao Jesus joanino faltasse o humano, demasiado humano, visto ser alguém que “caminha sobre as águas, tem sede mas não bebe, dão-lhe alimento mas não bebe; tem um conhecimento do homem que ultrapassa o humano; discute com os homens, mas suas palavras vêm de uma distância infinita, surgem das profundezas do mundo celestial” (Ernst Käsemann, citado por Josep-Oriol Tuñí, “As cartas de São João”, p. 161).

9. Não custa recordar a releitura que o *Evangelho segundo Mateus* proporá da chamada “confissão de Pedro” oriunda da redação de Marcos, expressão desse lugar privilegiado ocupado por Pedro, desde muito cedo, a partir de seu lugar como líder dos Doze.

mar-se da igreja de Diótrefes, com vistas a evitar a própria dissolução. Expressão dessa aliança bem poderia ser o cap. 21, claramente uma adição ao conjunto Jo 1–20. Nesse capítulo podemos encontrar como que uma reabilitação de Pedro, colocado lado a lado com o discípulo amado, mas com a tarefa específica de “apascentar as ovelhas” de Jesus<sup>10</sup>.

### **A hospitalidade comprometida, num ou noutro caso**

Seja qual for o lugar ocupado por Diótrefes, se dentro ou fora da tradição joanina, sejam quais forem os grupos envolvidos no conflito suposto pelas cartas de João (especialmente a segunda e a terceira, a que demos mais atenção neste ensaio), é curioso (e, por que não, lamentável, embora compreensível) que as tensões entre tais grupos tenham feito comprometer a hospitalidade mútua. É curioso notar como o presbítero censura em Diótrefes o comportamento que ele mesmo recomenda:

[Diótrefes] se recusa a receber os irmãos e impede os que querem fazê-lo, expulsando-os da igreja (3Jo 10b).

Se alguém vem a vós sem ser portador desta doutrina, não o recebais em vossa casa, nem o saudeis. Aquele que o saúda participa de suas obras más (2Jo 10-11).

Na verdade, já os termos com que o presbítero caracterizava seus adversários em 1Jo faziam concluir que a prática cotidiana da fraternidade já estava comprometida faz tempo. Em tempos de fundamentalismos religiosos de todos os matizes<sup>11</sup> revela-se particularmente oportuno perceber como a tarefa do diálogo é sempre desafiadora, como o poder das idéias (a “noologia” de que fala Morin) é grande o suficiente para colocar grupos humanos em lados opostos e fazê-los capazes de se anatematizarem mútua e violentamente. Nos termos do presbítero: o “viver na verdade” (2Jo 4) teria necessariamente de desembocar na descaracterização dos adversários como “anticristos” (2Jo 7)?<sup>12</sup>

*Pedro Lima Vasconcellos*  
Rua Venâncio Aires 308, ap.1  
Pompéia  
05024-030 São Paulo/SP  
plvascon@uol.com.br

10. Sobre o lugar de Jo 21 na nova elaboração do quarto evangelho, pode-se ler Jean Zumstein, “La redaction finale de l’évangile de Jean (à l’exemple du chapitre 21)”, em Jean-Daniel Kaestli, Jean-Michel Poffet e Jean Zumstein (editor), *La communauté johannique et son histoire – La trajectoire de l’évangile de Jean aux deux premières siècles*, Genebra, Labor et Fides, 1990, p. 207-230.

11. Pedro Lima Vasconcellos, *Fundamentalismos – Matrizes, presenças e inquietações*, São Paulo, Paulinas, 2008.

12. Outras referências bibliográficas (citam-se aqui apenas os títulos que não apareceram nas notas de rodapé): Raymond Brown, *A comunidade do discípulo amado*, São Paulo, Paulinas, 1984; Raymond Brown, *Introdução ao Novo Testamento*, São Paulo, Paulinas, 2006; Michele Morgen, *As epístolas de João*, São Paulo, Paulinas, 1991; Pedro Lima Vasconcellos, “O caminho é estreito – Idas e vindas na incorporação (de parte) da tradição joanina ao cânon do Novo Testamento”, em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, Vozes, vol. 42/43, 2002, p. 121-142.